|  |  |
| --- | --- |
|  |  |
|  | **CONDE DA SILVA MONTEIRO**    **António da silva Monteiro**    [Hospital de Crianças](http://www.museu-emigrantes.org/hospital-silva-monteiro.htm),    António da silva Monteiro nasceu na freguesia S. Martinho de Lordelo do Ouro no Porto em 16 de Agosto de 1822 e aí morreu em Janeiro de 1885, filho de António da Silva Monteiro, negociante da praça do Porto, e de sua mulher, D. Ana Narcisa Pereira.    Embarcou para a cidade do Rio de Janeiro onde a sua actividade encontrou um largo campo para brilhantemente se afirmar. (...)    Casou no Rio de Janeiro com D. Carolina Júlia Ferreira, filha de Manuel Ferreira Gomes, negociante português daquela praça, e de sua mulher D. Laureana Angélica da Silva.    Depois de muitos anos de permanência no Rio de Janeiro, regressou ao Porto, mas manteve sempre a importante casa daquela capital. A sua iniciativa comercial, tanto no Brasil como em Portugal, foi sempre notável e o aspecto filantrópico do seu carácter ficou marcado pelo auxílio e impulso que deu a numerosas instituições de caridade e de instrução.    Sócio duma das principais casas da cidade do Rio de Janeiro... Foi vice-presidente do senado e presidente da Associação Comercial.    O seu nome acha-se ligado à empresa do Caminho de Ferro do Porto à Povoa de Varzim e Famalicão; à tanoaria a vapor; [à fábrica de Papel de Ruães](http://www.museu-emigrantes.org/industria_industriais.htm); [Companhia Aurífera](http://www.museu-emigrantes.org/industria_industriais.htm); à companhia de Navegação a vapor; [à companhia mineira e metalúrgica do Braçal](http://www.museu-emigrantes.org/industria_industriais.htm); aos albergues nocturnos; à [criação e sustentação de bancos.](http://www.museu-emigrantes.org/bancos.htm)    Foi director do palácio de Cristal, fundador do [Hospital de Crianças](http://www.museu-emigrantes.org/hospital-silva-monteiro.htm), vogal do conselho de beneficência do distrito, mesário da Santa Casa da Misericórdia, presidente da associação dos bombeiros voluntários, accionista e sócio de quase todos os estabelecimentos Bancários e grémios científicos, nomeadamente a Sociedade de Instrução.    A ele se deve, em grande parte, os trabalhos do Porto de Leixões.     O sr. Conde da Silva Monteiro faleceu no seu palacete da rua da Restauração, no ia 15 de Janeiro de 1885    Presidiu durante dois anos à Associação Comercial do Porto (1875 – 1877)    O título de Visconde foi-lhe concedido em 1871 e elevado a Conde em 1875, ambos por D. Luís.     |  | | --- | |  | | António da Silva Monteiro, nasceu na freguesia de S. Martinho de Lordelo do Ouro e foi destinado por seus pais à nobre carreira comercial, embarcando para a cidade do Rio de Janeiro onde a sua actividade en­controu um largo campo para brilhantemente se afirmar.  Trabalhando com dedicação e inteligência naquele vasto empório do comércio, dentro de poucos anos ocupava um distinto lugar entre a colónia portuguesa do Brasil, sendo procurado para desempenhar lugares de grande importância, lugares que desempenhou sem­pre com toda a hombridade e zelo. Sócio duma das principais casas da cidade do Rio de Janeiro, habilíssimo nos variados assuntos em que tinha de superin­tender, dotado de uma inteligência que o norteava com segurança e firmeza no caminho que trilhava, conseguiu juntar, pelo esforço do seu braço, a fortuna que possuía, e que tão francamente repartia por todos que lhe imploravam o seu auxílio.  A sua probidade, aliada à deferência e à bondade com que a todos tratava, granjeou-lhe a estima e a consideração dos principais per­sonagens do império, e não foi sem grande mágoa que o viram abandonar aquele país para regressar à pátria, que de longe lhe sorria carinhosamente.  Estabelecendo a sua residência nesta cidade, o nobre conde principiou a interessar-se tanto pelo progresso da terra a que se ufanava de pertencer, que em breve era considerado o primeiro entre os cidadãos portuenses. Assim, vemo-lo vice-presidente do senado e presidente da Associação Comercial, desempenhando com a maior hombridade estes dois elevados e espinhosos car­gos.  Pronto sempre a associar-se a todas as iniciativas úteis, o seu nome acha-se ligado à empresa do Cami­nho de Ferro do Porto à Povoa de Varzim e Famalicão; à tanoaria a vapor; à fábrica de papel de Ruães; à Companhia Aurifícia; à companhia de navegação a vapor; à companhia mineira e metalúrgica do Braçal; aos albergues nocturnos, piedoso instituto fundado por Sua Majestade El-rei o Sr. D. Luís I; à criação e susten­tação de bancos, companhias, agências e empresas de primeira ordem, associando-se a todas com verdadeiro amor e desinteresse, fomentando deste modo a riqueza desta terra trabalhadora, que muito deve à sua inicia­tiva e dedicação.  Foi também director do palácio de Cristal, fundador do Hospital de Crianças, vogal do conselho de benefi­cência do distrito, mezario da Santa Casa da Miseri­córdia, presidente da associação dos bombeiros volun­tários, accionista e sócio de quase todos os estabeleci­mentos bancários e grémios científicos, compreendendo-se entre estes a Sociedade de Instrução, a cujo conselho pertencia.  Quando se tratou do importante assunto dos me­lhoramentos desta cidade, o conde da Silva Monteiro apareceu à frente dos mais entusiastas. A ele, aos seus esforços, à sua actividade, ao seu bom senso prático, se devem, em grande parte, os trabalhos do porto de abrigo de Leixões, melhoramento de primeira ordem para a prosperidade desta terra.  Quando tão importante assunto se ventilava na im­prensa e nos centros comerciais e as opiniões se encon­travam a respeito da proficuidade daquela obra monu­mental, o ilustre titular escreveu no *Comércio Portu­guês* jornal que proficientemente tratou aquele assunto, diferentes artigos doutrinais expondo neles a sua opinião autorizadíssima e indicando o caminho que de preferência deveria trilhar-se para a realização de tão importante melhoramento.  Nesses artigos, que produziram entre todos os centros comerciais a mais viva impressão, afirmou o nobre conde toda a cultura do seu espírito e toda a rectidão das suas intenções, escla­recendo com argumentos seguros e considerações nota­velmente aduzidas, muitos pontos importantíssimos. Na organização do sindicato Salamanca pugnou tam­bém entre os primeiros, associando-se a esse cometimento com todo o entusiasmo do seu rijo tempera­mento.  E se a energia do conde de Silva Monteiro se mani­festava, sempre que se tratava dum melhoramento, a sua caridade não tinha limites quando era preciso socorrer a desgraça. Por ocasião da epidemia variolosa que espalhou o terror nesta cidade, o nobre titular, à frente dum grupo de cavalheiros, solicitava de porta em porta, na sua freguesia de Miragaia, esmolas para os necessitados, e essa mesma santa missão exerceu quando o rio Douro, no inverno desabrido de 1884, inundou a parte baixa da cidade. Por essa ocasião en­tregou valiosas esmolas ao pároco da freguesia para esse sacerdote as distribuir pelos necessitados, e não contente com isto, ia em pessoa, pelos becos e travessas onde a miséria gemia largas horas de privações, consolar os tristes e os desventurados com o alívio da esmola e o bálsamo da consolação.  Foi ainda o nobre conde o principal promotor da As­sociação de Beneficência da paróquia de Miragaia, per­correndo ele mesmo as ruas pedindo esmola para a realização daquele caritativo pensamento.  Conhecíamos, bem de perto, a grandeza daquela al­ma de justo; as linhas, suaves e meigas, da sua fisionomia simpática, traduziam claramente toda a bonda­de, toda a delicadeza, daquele generosíssimo coração que pulsou sempre por todas as causas justas e nobres; no seu rosto, de uma serenidade de justo, estampara Deus o sinal que concede aos homens de honra e de virtude; havia no seu trato, tão familiar, tão lhano, tão atencioso, tanta delicadeza e sinceridade, que quem falasse com o conde da Silva Monteiro sentia-se imediatamente atraído para ele.  É este o condão dos espíritos escolhidos; mover simpatias e inspirar respeitos.  Só o homem de bem pôde insinuar-se, como o extinto conde se insinuava, e tanto que à roda dele fazia-se um coro imenso de simpatias, e, quando o seu no­me era invocado, não havia ninguém que o não cobrisse de aplausos e de bênçãos.  A vida do conde da Silva Monteiro constitui um belo exemplo das mais engendradas virtudes cívicas. Possuindo uma avultada fortuna, prosseguia modesta­mente na sua faina de negociante, despido das vanglóriass e dos orgulhos que os seus títulos podiam conceder-lhe.  Nunca deixou a sua habitual lhaneza; e, podendo deixar-se seduzir pelas pompas do mundo, conservou-se sempre o mesmo, atencioso para com todos, delicado até ao excesso, popular como poucos, rodeando-se sempre dos prestígios que essas virtudes con­quistam.  Procurado para ocupar os lugares de mais impor­tância social, escondia-se sempre atrás da sua modés­tia, e não foi, sem grande repugnada, que aceitou o viscondado e a vice-presidência do senado portuense. Solicitado a aceitar o diploma de deputado, recusou essa honra, como recusara o pariato, que por diferentes vezes lhe fora oferecido. A sua modéstia excessiva obrigava-o a não sair da humildade em que queria vi­ver; espírito culto, duma orientação clara, preferia a existência tranquila da sua casa e da sua família, e se a empresas importantes se associou, é porque o prestígio do seu nome era necessário à consolidação dessas empresas, e o seu desejo era ser útil e prestável.  Nunca recusou o seu concurso a quem o solicitasse, e é por isso que nesta cidade não há empresa nenhuma a que o seu nome não se ache ligado: — o seu nome, a sua influência e o seu capital, porque todos esses ele­mentos o nobre conde punha à disposição de quantos os requeressem em nome dos interesses desta terra, que muito lhe deve, porque a ela se afeiçoou sincera­mente, cooperando com todo o entusiasmo da sua al­ma de patriota para o seu engrandecimento e pro­gresso.  Alma, como poucas, compassiva e justa, a sua mão valedora remediava muito lar vazio e amparava muito infeliz sem arrimo.  De uma caridade toda cristã, repartia liberalmente a sua avultada fortuna com os desditosos que a miséria perseguia, de modo que a mão esquerda não soubesse os benefícios que a direita prodigalizava. Nunca os jornais deram conta dos seus actos de caridade e de amor do próximo, porque o não consentiria a sua modéstia e a sua própria caridade, porque a caridade que se apre­goa não é a sublime virtude pregada por Jesus, mas sim uma ostentação vã da vaidade humana.  Eis os traços mais salientes da fisionomia moral do nobre conde a cujo retrato esta prosa serve de grosseira moldura: esboçamo-los apenas, que o pincel para traçar tão nobre figura, precisa ser empunhado por mão mais firme do que a nossa. Os lineamentos principais são esses; a história, que se incumba de o glorificar, porque foi um justo, um honesto e um bom.  “*Pode o homem ter milhões à sua disposição, sentar-se num trono e dominar, brandir uma espada e vencer; se não for honesto e útil, a campa cairá um dia sobre o seu cadáver e sobre o seu nome*”*.* (Confúcio)  O conde da Silva Monteiro não desapareceu nas sombras do túmulo, porque foi honesto e útil. Esta ho­menagem prestada no primeiro aniversário da sua morte é uma prova de que o seu nome vive no nosso respeito e na nossa gratidão.  Porto, 1885. Firmino Pereira.    Firmino Pereira *in* Galeria Photographica-Biographica Luzo-Brazileira – Commercio e Industria (Sexto ano, Número 65). Lisboa, 1886.    Digitalização e transcrição por Isabel Ferreira Alves  Fafe, Outubro de 2008. | |